

Padre Max e Maria de Lurdes foram assassinados há 35 anos

2 de Abril, 2011 - 14:23h

No dia 2 de Abril de 1976, o Padre Maximino Barbosa de Sousa e a sua aluna Maria de Lurdes, de 19 anos, foram assassinados pela explosão de uma bomba no carro em que seguiam. O atentado foi da autoria do movimento fascista MDLP, mas os seus autores nunca foram condenados.

Este é um grande escândalo da democracia portuguesa, um padre e uma jovem foram assassinados à bomba pela extrema-direita, mas os autores do crime nunca foram condenados. O Padre Max era então candidato independente a deputado na lista da UDP (União Democrática Popular) e o assassinato foi organizado pelo movimento fascista MDLP (Movimento Democrático de Libertação de Portugal). Os tribunais chegaram a admitir que o atentado partiu do MDLP. Três homens chegaram a ser acusados da autoria moral e outros quatro de terem sido os operacionais, mas os tribunais foram incapazes de uma condenação.

O Padre Max morreu quando tinha 33 anos, era professor do liceu e uma figura muito popular na região. O MDLP era um movimento da rede bombista de extrema-direita que se dedicava a perseguir e atacar pessoas de esquerda, sobretudo no Norte do país. O Padre Max e Maria de Lurdes davam aulas de Português e Francês a adultos na Casa da Cultura da Cumieira, uma freguesia próxima de Vila Real. Quando se deslocavam de carro entre a Cumieira e Vila Real, a bomba explodiu, accionada por controlo remoto e os dois morreram.

O primeiro processo sobre o crime foi arquivado em 1977, por falta de provas. Em 1989, o processo foi reaberto pelo Tribunal da Relação do Porto. Foram indicados sete responsáveis pelo atentado: O cônego de Braga Eduardo Melo, o empresário Rui Castro Lopo, e o ex-membro do Conselho da Revolução Canto e Castro, como autores morais; Carlos Paixão, Alfredo Vitorino, Valter dos Santos e Alcides Pereira, como autores materiais. Mas, o processo foi novamente arquivado, por falta de provas.

Em 1996, o Tribunal da Relação do Porto reabriu de novo o processo, tendo sido apenas pronunciados os quatro autores materiais, que foram absolvidos em 1997, por falta de provas. Posteriormente, o Supremo Tribunal de Justiça anulou o acórdão e foi marcado novo processo, que a 21 de Janeiro de 1999 absolveu os arguidos e ninguém foi condenado, apesar do Tribunal admitir que o ataque teria partido do MDLP.

Em 2006, numa conferência organizada pelo Bloco de Esquerda, Francisco Louçã afirmou que os tribunais foram "silenciosos, negligentes e muitas vezes incompetentes" quando julgaram o assassinato do padre Max, "porque não queriam investigar e levar o processo às

últimas consequências?.

Nessa realização, o advogado Mário Brochado Coelho, que durante mais de 20 anos tudo fez para que o caso fosse a tribunal e os responsáveis fossem condenados, salientou que "o tribunal achou que eles tinham feito alguma coisa, mas não conseguiu reunir provas concretas de que o fizeram. Eu próprio concordei com essa decisão, porque na justiça ninguém pode ser julgado sem provas claras". Mário Brochado Coelho, concluiu então: "Mataram premeditadamente o padre Max, mesmo sabendo que ele levava no carro uma jovem - o que é típico da extrema-direita portuguesa, do absolutismo até hoje".

No site acomuna.net ^[1], o deputado Luís Fazenda evoca Maria de Lurdes neste sábado:

?A Lurdes Correia, estudante em Vila Real, filha de emigrantes em França, sucumbiu de imediato à explosão da bomba no Simca, que matou também Max. A morte veio assim à traição no 1º dia de vigência da Constituição de Abril. A Lurdes alfabetizava camponeses, deu rosto à luta estudantil contra o caciquismo reaccionário, não temeu os fascistas que agiam abertamente pelo regresso à ditadura. Militante da União de Estudantes pela Democracia Popular(UEDP) era o entusiasmo da revolução que a sobressaltava. 35 anos depois a memória venceu o tempo porque outros jovens estremecem destinos?.

Neste sábado, realiza-se no Hotel Mira-Corgo, em Vila Real, uma sessão evocativa de Maximino Barbosa de Sousa - com depoimentos de antigos alunos do Pe. Max e pequenas intervenções/testemunhos. A iniciativa é levada a efeito por uma comissão organizadora de amigos/as, associações como a AUDP e a Pe. Maximino (com sede em S. Pedro da Cova-Gondomar), bem como o Bloco de Esquerda. Ao meio-dia realizou-se uma romagem, com concentração junto ao cemitério de Vila Real.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/artigo/padre-max-e-maria-de-lurdes-foram-assassinados-h%C3%A1-35-anos?page=0>

Ligações:

[1] <http://www.acomuna.net/>